

## Significado actual da obra de Aquilino Ribeiro

Para este número especial consagrado a Aquilino Ribeiro enviou *Colóquio/ Letras* a dezasseis dos mais representativos ficcionistas portugueses contemporâneos o inquérito abaixo transcrito, sobre o qual se obtiveram as respostas de onze desses autores, cujos depoimentos críticos nas páginas seguintes se registam.

1. *Que representa para si a obra de Aquilino Ribeiro?*
2. *Em que aspectos lhe parece que terá essa obra contribuído para aprofundar o conhecimento do homem português?*
3. *Afigura-se-lhe justa e pertinente a valorização que em tempos se fez do prosador Aquilino Ribeiro em detrimento do ficcionista Aquilino Ribeiro?*
4. *Qual o livro ou quais os livros de Aquilino cuja perenidade crê mais assegurada ou cuja leitura entende imprescindível por parte das novas gerações?*

## JOSÉ CARDOSO PIRES:

1.

*Uma turbulenta paixão da contar.*

*No impetuoso caudal da sua obra, Aquilino removeu a ganga das tradições, parecendo que se comprazia nela. Deixou a nu o nosso sórdido provincianismo camponês e estupidamente muitos dos seus admiradores não viram nele senão folclore aldeão. Tratou o vocábulo e a sintaxe e uso e abuso mas foi frequentemente encurralado nos sacrários de gramática ossificada.*

*Por isto e por muito mais, o anacoreta e mártir Aquilino foi uma glória a dois gumes, pelo fácil aparente e pelos fermentos do novo. A mim, o que mais me seduz nele é a obsessão polémica da sua escrita (não apenas da temática) e também as lições de inovação que nele encontra quem o saiba encontrar, apesar da moldura conservantista em que os Generosos das Letras toda a vida o enquadraram — et pour cause, como diria ele próprio, Aquilino.*

3.

*Os catelogadores são quase sempre juizes estreitos com alma de censores.*

*Quando chamam a Aquilino «Mestre da língua» sabem que estão a ocultar o romancista e o criador de ideias e de conflitos sob o magnífico manto das flores eruditas. Mas alguma vez se fez uma análise linguística profunda da obra de Aquilino? Quantos se preocuparam, entre nós, em descobrir e reinvenção vocabular, as corruptelas intencionais, os jogos e as associações com que ele recria e recreia a nossa linguagem literária?*

*Lendo Aquilino, ocorre-me sempre uma figura óbvia: Guimarães Rosa, que — com mais liberdade, é certo, e com mais arranque poético — construiu um tecido literário da linguagem dos camponeses do Brasil. Esse que, aqui e na sua pátria, foi sempre, e apenas, considerado grande escritor e que confessadamente admirava Aquilino.*

4. *As gerações passam, os livros esquecem e voltam.*

*Quem escreveu tanto como Aquilino e se maravilhou com os mundos que viu nascer, construiu forçosamente em projecção ascendente. Serle útil e eliciante, penso eu, meditar-se sobre o itinerário da sua obra, a presença de certo animismo franciscano na descrição de Natureza, alguns velhos ecos de Renan, certo pós-impressionismo, tudo isso. Naturalmente que há permanências imediatas — o pícaro, o caciquismo religioso, etc. —, mas a linha evolutiva é caprichosa e descontínua.*

*De modo que a cada leitor, seu Aquilino. Eu creio que é um pouco assim. Mas basterie um conto como «A Pele do Bombo», tão estrito e tão exemplar de modern short-story que mais tarde Betes iria 'decretar', bastaria esta peça para que um bom escritor de agora se deslumbrasse com a modernidade de escrita e de construção do velho Aquilino de ontem. Esse Aquilino que quase no fim da vida escreveu A Casa Grande de Romarigães, um dos três ou quatro maiores romances da literatura de língua portuguesa.*